

ENSAIO SOBRE LITERATURA, ESPAÇO E TEMPO A PARTIR DE JAMES JOYCE, THOMAS MANN E MARCEL PROUST

Luís Távora Furtado Ribeiro

Introdução

Alguém poderia perguntar o que têm em comum os clássicos da literatura *Ulisses* de James Joyce, *Em Busca do Tempo perdido* de Marcel Proust e a *Montanha Mágica* de Thomas Mann? Um aspecto inicial de grande coincidência é o de que foram escritos aproximadamente entre o final da década de 1910 e o início dos anos 1920. Considerados livros fundantes da cultura ocidental têm também em comum o fato de serem tão famosos quanto pouco lidos e que quem os leu, mesmo que numa leitura parcial, se dividem entre os que sofreram um forte impacto positivo e outros – talvez mais numerosos –, que consideram sua leitura árida, complexa, de enredos incompreensíveis ou mesmo de sentido impenetrável.

Como referencial metodológico apresento uma breve síntese dessas obras, realizando uma relação entre elas a partir de suas três narrativas em tempos de curta (Joyce), média (Mann) e longa duração (Proust), em microcosmos sociais apresentados em cada livro. Como referências teóricas, recorro à crítica social e literária em autores como Bosi (2002), Cândido (1985), Schwarz (1992) e Schopenhauer (2015).

Outro aspecto que relaciona os livros entre si é a relação entre as narrativas e o período – espaço e tempo onde se desenvolvem, apresentando assim desde revelações minuciosas sobre o cotidiano de um único dia em James Joyce, passando pelo período de alguns anos de Thomas Mann, até um intervalo de tempo mais largo observando memórias desde a infância e de tempos imemoriais como em Marcel Proust.



Uma possível dificuldade pode ser observada graças aos estilos complexos dos textos desenvolvidos em mais de 900 páginas, chegando a mais de 1000 páginas em algumas edições, como em James Joyce e Thomas Mann, ou mesmo nas aproximadas 3.500 laudas nas edições de bolso de Marcel Proust.

A seguir, ensaio comentários sobre essas obras em seu contexto histórico, buscando breves parâmetros de comparação com a reflexão sobre os dias em que vivemos. Não sendo crítico literário nem especialista em literatura, estabeleço com os referidos livros e seus autores uma relação de admiração sincera, busca de compreensão e interpretação, num olhar sobre o mundo em crise e transição em que foram escritas, para refletir sobre dilemas e perspectivas para os dias atuais. Nesse primeiro momento, me furtarei a citações acadêmicas de analistas ou críticos literários concentrando-me apenas em minhas impressões iniciais sobre as obras e seus autores.

Reflexões sobre espaço e tempo na literatura

Escrito aproximadamente entre 1914 e 1921, *Ulisses* de James Joyce (1882 – 1941) é publicado pela primeira vez em 1922. A partir do título, o livro se vincula às origens da cultura ocidental nomeando seus principais personagens com os nomes de personagens da *Odisséia* de Homero em sua viagem epopeia heroica. Penélope está representada no título do capítulo final e Telêmaco, filho do casal, dá seu nome ao primeiro capítulo. Os nomes de ilhas gregas e seres mitológicos das viagens homéricas também se fazem presentes, mesmo que não haja menções mais explícitas do relato homérico no enredo do livro. Leopold Bloom é um Ulisses que realiza sua viagem de um dia pela cidade de Dublin na Irlanda, cujas ruas, praças e monumentos são descritos de maneira minu-

ciosa, precisamente num dia especial escolhido pelo autor, o 16 de junho de 1904. Essa data se tornaria o *Bloomsday*, grande festa anual da cidade irlandesa, festa de encerramento da primavera e prenúncio do verão, homenagem ao livro e autor pelo povo irlandês.

Utilizando uma multiplicidade de estilos, jogando muitas vezes e de modo criativo com a ordem invertida ou variada entre sujeito – predicado – complementos, *Ulisses* é um desafio apaixonante para tradutores espalhados pelo mundo que encaram o projeto de decifrá-lo para o público, respeitando seu estilo em diferentes idiomas nacionais. Tornou-se clássica a tradução para o português realizada no Brasil pelo filólogo e escritor Antônio Houaiss (1915 – 1997) que a ela dedicou muitos anos de sua vida. Os anos seguintes foram dedicados por Houaiss para a conclusão do conhecido dicionário da língua portuguesa que leva seu nome.

Considerado por conservadores como livro imoral e obsceno pelas descrições biológicas e narrativas apresentadas, *Ulisses* permaneceu longo tempo censurado e proibido de ser publicado nos Estados Unidos, também por divergências com seus editores. Após longa batalha judicial, a obra só foi publicada naquele país tardiamente no final dos anos 1920.

Um destaque especial em *Ulisses* é para as cerca de cinquenta páginas finais do livro escritas num fôlego só sem pontuação. Nelas se fala de temas variados até meio desconexos como os “dois chás com pão e manteiga”, que são servidos enquanto se percorrem logradouros de Dublin, ou quando se descrevem os pés do narrador que são mencionados em detalhes, além das “luvas esquecidas”, nunca recuperadas talvez por causa da ação de “alguma ladrona de mulher”. Nessa aparente mistura e confusão de assuntos e temas aparentemente sem conexão, pode estar representada a perda de sentido da vida moderna, especialmente para Joyce numa Irlanda fra-

turada entre conflitos religiosos e políticos coexistindo em ambiente de efervescência cultural.

Os debates sobre os sentidos e significados de *Ulisses* são intermináveis. O relato sobre personagens comuns, elevados aos valores universais como personagens mitológicos da tradição ocidental, num dia específico de uma cidade europeia, aproxima personagens e cidade aos homens comuns em sua vida cotidiana, num único dia de suas biografias, vinculando de modo inseparável tempo e espaço, um tempo de longa duração e que já se passou, em um tempo que se torna inesquecível e sem substituição nas cenas de um único dia. Escrito de forma muitas vezes hermética e para muitos, impenetrável e incompreensível, como num jogo de luzes e de sombras, o livro de James Joyce parece que se propõe revelar ao oculto, e que o subentendido ou oculto revela mais pelo que deixa transparecer.

A Montanha Mágica de Thomas Mann (1875 – 1955) é uma cifrada descrição da vida cotidiana situada nos Alpes suíços, onde o autor alemão descreve a vida num espaço – tempo de seis anos num sanatório para doentes tuberculosos, microcosmo da vida social e do pensamento progressista ou conservador num tempo de guerra. Publicada dois anos depois de *Ulisses*, em 1924, sendo escrito com interrupções entre 1912 e 1923. No enredo, um visitante ocasional do referido hospital, o engenheiro naval Hans Castrop, se descobre também vitimado pela tuberculose, que evoluíra de uma simples anemia, tornando-se, ele mesmo paciente interno daquele sanatório. Ambientado na cidade de Davos, na Suíça, nos tempos sombrios da Primeira Grande Guerra Mundial, a referida cidade ficaria conhecida, cerca de um século depois, por ser a sede anual do Fórum Econômico Mundial, denominado por seus críticos como o Fórum dos Ricos, promovido pelo Fundo Monetário Internacional, FMI, e pelo Banco

Mundial, célula do pensamento econômico conservador no alvorecer do século XXI.

Naqueles tempos de vida de *glamour* do início dos anos 1910, conhecido como a *Belle Époque*, os dias rapidamente se deterioraram numa guerra total sem vencedores num longo prazo. A *Montanha Mágica* vai se tornando um retrato detalhado desse tempo que se move do encanto ao desencanto, desenhando temas múltiplos e variados a partir de uma temática de origem, a doença e a morte. Nele, o personagem principal, Hans Castrop, após uma dura vitória contra a doença, vai dedicar seus áureos anos de vida à guerra como combatente e cuja morte é sutilmente anunciada no livro. Essa transição de um jovem saudável que visita os doentes no início do enredo, para o destino de um combatente alistado para a guerra, passando pela doença e internação hospitalar, revela essa espécie de decadência pessoal e histórica, espécie de evolução ao contrário, uma espécie de sequência que segue do apogeu à desesperança, interligadas por um movimento trágico de inexorável decadência.

A *Montanha Mágica* deu ao seu autor a importância necessária para que Thomas Mann recebesse o Prêmio Nobel de Literatura em 1929. Seu primeiro romance conhecido é *Buddenbrooks*, que foi o responsável direto pelo prêmio. Publicado originalmente em 1900, tratava da vida de uma família alemã tradicional que relatava a história de três de suas gerações. Esse livro torna o autor famoso aos 25 anos. Filho de um comerciante judeu alemão e de uma brasileira, Júlia da Silva Bruhns, o menino Thomas deve à mãe a iniciação e o amor pela cultura. Júlia era uma aglutinadora cultural atuante, promovendo em sua casa concorridos saraus, festas que reuniam músicos, intelectuais, artistas em geral e particularmente, poetas e demais interessados em literatura.

Numa equação, esse movimento poderia ser assim representado: Ascensão – Apogeu – Decadência – Desenlace.



Não se pode definir com clareza quem começou primeiro, se o pessimismo do livro ou a dramaticidade da realidade. Esse tom negativo em Thomas Mann poderia aproximá-lo de Artur Schopenhauer (1778 - 1860), o filósofo do pessimismo, quando este afirmava: viver é sofrer; e numa segunda reflexão, combinada à primeira: quando não há dor, é o tédio que impregna a vida. (2015, p. 9). O que se pode afirmar é que o confronto inevitável entre a doença e a dor na experiência do sanatório com a eclosão de uma guerra mundial não podiam deixar de interferir e produzir uma espécie de visão trágica do mundo, numa vida sem perspectivas ou esperanças, tanto em âmbito pessoal quanto mundial. Se nos aparece algum sinal de esperança, esse parece ser a própria literatura, mesmo que em sinais de tempos incompreensíveis, num futuro que se observa do alto de uma *Montanha Mágica*.

A *Montanha Mágica* segue um enredo cronológico seqüenciando ano após ano mas em ritmos diferente: mais lenta no início, mais acelerada no final. O caminho meio pessimista seguido vai de um personagem principal, o mencionado Hans, descrito pela juventude, beleza física e generosidade que vai construindo sua subjetividade e individualidade em direção ao anonimato, apenas mais um entre milhares de soldados. Aqui, Thomas Mann contrapõe um início onde a doença provoca desprendimento e solidariedade, a um final onde a guerra iguala a todos na desesperança do isolamento, do anonimato, quem sabe, da morte. Relato vigoroso de um tempo trágico e de suas memórias.

Outro clássico monumental da cultura ocidental é contemporâneo dos clássicos mencionados de James Joyce e Thomas Mann. Trata-se de *Em Busca do Tempo Perdido* do francês Marcel Proust (1871 - 1922), publicado em seus sete volumes entre os anos de 1913 e 1927. A coincidência temporal com as obras de James Joyce e de Thomas Mann se apresenta ainda quando se observa os anos em que foi escrito entre

1908 e 1922. E que, ressalte-se, foi concebido, escrito e finalizado em períodos de extrema debilidade física e de saúde precária do autor. Quase totalmente recolhido para escrevê-lo, Proust utiliza fartamente recursos à ironia, ao humor, às descrições de paisagens, lugares e personagens.

Enquanto *Ulisses* de James Joyce revela um dia na vida de seus personagens e a cidade irlandesa de Dublin e *A Montanha Mágica* de Thomas Mann relata seis anos de vida e as ideias de seus personagens num sanatório para tuberculosos na suíça Davos, a obra de Marcel Proust recupera emoções, aromas, imagens, sons e emoções de sua vida pessoal desde a infância, um período que na vida do autor pode se aproximar de pelo menos 35 anos, quando se menciona o primeiro livro.

O enredo se desenrola inicialmente na provinciana cidade francesa de Combray, sitiada em 1871 entre os exércitos francês e o prussiano que coincide com o ponto de partida das memórias. O livro se inicia de forma não revelada, aproximadamente, na cena final da rendição francesa da guerra franco-prussiana em 1871, data coincidente com o nascimento do autor. Se em James Joyce e em Thomas Mann é na guerra que os livros e as histórias terminam, aqui em Marcel Proust, é num tempo de guerra onde as lembranças começam, desenrolando-se em tempos de paz. E a guerra retornando no período de escrita final. Tudo se inicia numa imagem que se tornou emblemática para os memorialistas, quando o autor narrador do livro mergulha um pedaço de bolo em uma xícara de chá. As emoções e sensações que se seguem provocam as lembranças mais profundas. Observe-se que, para narrar esse momento crucial, o autor se utiliza de nada menos que cerca de oitenta páginas.

Dos temas tratados na obra, revela-se inovadora, dentre outras, a temática da homossexualidade tratada de forma direta por Marcel Proust, especialmente em seu quarto volume do livro, apropriadamente intitulado: "Sodoma e Gomorra",



referência às cidades bíblicas corrompidas e destruídas no livro do Gênesis, apesar da pregação de Lot, enviado de Deus. (Gn 19, 1 – 29). Longe de se revelar uma anomalia ou aberração, Proust aborda o tema da homossexualidade como fenômeno complexo e de múltiplas faces a partir do aparecimento e atuação de alguns personagens, alguns deles baseados em pessoas reais contemporâneas ao autor. A homossexualidade feminina se revela em especial no livro seis, denominado *Albertina Desaparecida*, protagonizado por Albertina, uma personagem complexa apresentada como amante do narrador. Ela parece ter sido concebida como uma imagem de Alberto, secretário de Marcel Proust. Observe-se que, logo em seguida à morte repentina e inesperada do jovem Alberto, no livro, Proust anuncia a morte de Albertina, a personagem.

Um segundo tema subtendido é o da relação de vínculos edipianos entre mãe e filho, retratada no encantamento da criança pela mãe durante a infância do autor. Contemporâneo de Sigmund Freud (1856 – 1939) e de suas pesquisas sobre a sexualidade, especialmente em torno dos anos 1910, não consta que os autores tenham se conhecido ou lido suas obras reciprocamente.

Nessa obra monumental, o aspecto que se destaca é o da memória, suas lembranças ante os perigos do esquecimento. A isso se dedica o autor especialmente em seu livro derradeiro, o livro sétimo, apropriadamente intitulado *O Tempo Reencontrado*. Nele, fica estabelecido que viver é como lembrar, melhor reencontrar, momentos, eventos e sensações que se viveram e que estão gravadas e bem guardadas no inconsciente. Nas entrelinhas, revelam-se eloquentes as tensões entre classes sociais, a nobreza bem nascida e a burguesia, culta e endinheirada que vão convivendo, convergindo e divergindo entre as relações complicadas entre novos e velhos estilos de vida e de poder.



Em Marcel Proust, revela-se uma imbricada relação, como se dá na realidade, entre a totalidade social e a particularidade da vida cotidiana, essa mesma transformando essas particularidades em novas totalidades, como no caso das biografias individuais que atravessam as lembranças do narrador. Talvez se possa afirmar que *Em Busca do Tempo Perdido* é a maior síntese sobre o tempo entre os clássicos da literatura no século XX. Mesclando filosofia e literatura, literatura e filosofia, o texto parece se aproximar, quase tocar numa completa teoria do tempo, articulando o passado que se revela invadindo o presente.

Observe-se que em seu ofício anterior, Marcel Proust fora um jornalista, colunista social cheio de elogios e bajulador dos ricos, fossem eles nobres, antigos ou novos burgueses. Sempre bem vestido num estilo de jovem esnobe que ultrapassava os limites da ostentação, muitos não acreditaram que aquele personagem pudesse vir a ser tão fiel revelador da vida social de seu tempo. A despeito deles Proust se revelaria um narrador mordaz e crítico de seu tempo, especialmente em momentos como em que ele dizia:

O desejo quanto mais envelhecia, de parecer jovem e até a impaciência desses homens sempre entediados, sempre blasés, que são pessoas inteligentes demais para a vida relativamente ociosa que levam, e na qual suas faculdades não se realizam. Sem dúvida, a ociosidade dessas pessoas pode se traduzir até pelo desleixo. Mas, sobretudo após a moda dos exercícios físicos, a ociosidade assumiu uma forma esportiva, mesmo fora das horas do esporte, que se traduz por uma vivacidade febril que julga não deixar ao tédio nem tempo nem espaço para se desenvolver [...] Proust (2014, p. 26 e 27).

Sobre o que há de comum entre as três obras tão diferentes entre si podem-se destacar que seu prestígio no ocidente é inegável como marcos da cultura no século XX, os três livros



considerados fundadores do modernismo. Movimento que valoriza o presente, que apresenta mulheres independentes, que tem peças teatrais e concertos proibidos ou vaiados por tratar de problemas sociais, que traz ainda uma análise social destrutiva, numa busca de individualização ao se quebrarem as regras, inclusive linguísticas Everdel (2000, p. 340). Outro aspecto comum é que, apesar de seu prestígio e reconhecimento, nem sempre são conhecidos e lidos pelo grande público. Isso não se deve apenas ao volume dos livros em números de páginas, obstáculo plenamente superável. O que se trata é que os textos são efetivamente complexos, as narrativas não são lineares, há variedade e multicplicidade de estilos, o vocabulário e as construções textuais são complexos e variados.

Aspecto comum que se destaca é a tensão social permanente que se origina em movimentos próprios da história que transita da paz e do progresso, sempre ameaçados pela doença e a morte, em direção à insegurança e à guerra.

Os livros têm entre si em comum outro aspecto a ser observado. É sua relação com o tempo e o espaço e sua relação com as narrativas. James Joyce se concentra num cotidiano intenso revelando ao público uma cidade inteira no transcurso de um único dia. Ele chega a afirmar, numa correspondência, que se a cidade de Dublin desaparecesse, graças à cuidadosa descrição em *Ulisses*, poderia ser totalmente reconstruída. Aqui, ele parece valorizar o tempo próximo que passa célere, mas que ele preserva para que não se perca, para que personagens e lugares não desapareçam. Já Thomas Mann recupera a vida num espaço restrito, um hospital sanatório para doentes pulmonares, n'A *Montanha Mágica*, mas que vai se revelando microcosmo da vida social, com suas ideias, liberais ou conservadoras, em permanente tensão. Tudo se revelando num período de seis anos, cada um deles relatados num capítulo do livro. Quanto a Marcel

Proust, detalhista e minucioso *Em Busca do Tempo Perdido*, ele revela um espaço tempo mais distante que por pouco não se perdeu. Da infância à idade adulta do narrador, em tempos de guerra e paz, paz e guerra, personagens, lugares e sensações são recuperados por artifícios da memória, como a experiência única de tomar uma xícara de chá, momento fundador do livro, mola propulsora das lembranças.

Nota conclusiva: a atualidade de James Joyce, Thomas Mann e Marcel Proust

O que se pode reconhecer é que esses livros não trazem uma leitura fácil, muitas vezes considerada pouco compreensiva e atrativa, especialmente para admiradores acostumados com sequências lineares bem organizadas, seguindo regras gramaticais bem definidas.

O que se pode ainda afirmar é que é o tempo e o espaço que são complexos e que à reconstituição da memória são fiéis tanto James Joyce, como Thomas Mann, quanto Marcel Proust. E que vale a pena ler ou reler esses clássicos. Para ver o que revelam e o que ocultam, para perceber o que ocultam e o que revelam. Movimento bastante apropriado em se tratando do espaço e do tempo. E que é possível e desejável sua leitura entre diversos grupos sociais, nas casas, em bibliotecas, nas escolas. E que quando se comenta ou menciona certa ausência de um sentido claro ou explícito nos enredos dessas obras, ou de algo que se assemelhe a sequências com início e término, ou a continuidades regulares, não se pode responsabilizar os livros e seus autores. Sem sentido aparente e em crise permanente é a realidade mesma e como ela se apresenta. As doenças, as perdas irreparáveis, guerras locais ou mundiais ou a ascensão inexorável da sociedade do dinheiro é o que realmente fazem tudo parecer sem sentido, sem lógica explícita ou possibilidade de explicação.



Como revelam a morte repentina da personagem Albertina em Marcel Proust, ou principalmente em Thomas Mann no desaparecimento sutilmente anunciado do jovem Hans Castrop, essa ruptura não significa apenas a partida de um indivíduo para a guerra, mas a perda de toda uma geração. Dos jovens que se foram e de todos os que ficaram. Relatos indispensáveis sobre sociedades interditas, no que pode haver de melhor na literatura.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1885.

EVERDEL, William R. *Os primeiros modernos, as origens do pensamento no século XX*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JOYCE, James. *Ulisses*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.

LUKACS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

_____. Coleção Pensadores Modernos. São Paulo, Zahar, 2015.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2007.

_____. *O tempo recuperado*. v. 7. Rio de Janeiro: Saraiva/Nova Fronteira, 2014.

SCHOPENHAUER, Artur. *Aforismos para a sabedoria da vida*. São Paulo: Ed. Folha de São Paulo, 2015.

SCWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.